

UMA RELEITURA DE OS LUSÍADAS¹

THE LUSIADS: A NEW READING

<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2175-3180.v15i29p396-400>

Jean Pierre Chauvin¹

RESUMO

Parte considerável dos historiadores da literatura em língua portuguesa analisou e interpretou as epopeias sem levar em consideração os preceitos do gênero e a maneira como elas foram concebidas. O modo como *Os Lusíadas* (1572) foi discutido até recentemente é sintomático de uma maneira enviesada de ler. Esta resenha visa a apresentar *Heroísmo na singradura dos mares* (2018), que resulta da tese de doutorado do historiador Cleber Vinicius do Amaral Felipe, realizada na Universidade Federal de Uberlândia.

PALAVRAS-CHAVE

Gênero épico; Luís de Camões; *Os Lusíadas*; Retórica; História.

ABSTRACT

A considerable part of the literature historians has analyzed and interpreted some epics without taking into account the precepts of the genre and the perspective which they were designed. The way that *The Lusiads* (1572) was discussed until recently is symptomatic of a biased way of reading. This review aims to present *Heroísmo na singradura dos mares* (2018), which results from the doctoral thesis of historian Cleber Vinicius do Amaral Felipe, which was developed at the Federal University of Uberlândia.

KEYWORDS

Epic genre; Luís de Camões; *The Lusiads*; Rhetoric; History.

¹ Resenha de: FELIPE, Cleber Vinicius do Amaral. *Heroísmo na singradura dos mares: histórias de naufrágios e epopeias nas conquistas ultramarinas portuguesas*. Jundiaí: Paco Editorial, 2018.

¹ Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil.

A essa altura, deveríamos estar cientes de que nosso tempo não é de heróis, mas de celebridades fabricadas pelas redes sociais e pela, assim chamada, grande mídia. Por isso mesmo, ler o trabalho de Cleber Vinicius do Amaral Felipe é, dentre outras coisas, uma oportunidade para contrastar os discursos dos séculos XVI, XVII e XVIII com as narrativas fragmentárias, pautadas pelo empreendedorismo, a inovação compulsória e o lucro a qualquer preço, que grassou nas últimas décadas.

Dividido em cinco partes, *Heroísmo na singradura dos mares* aplica a *dispositio* (disposição) recomendada nos manuais de retórica da Antiguidade. Desde a “Introdução”, Felipe nos convida a refletir que o estudo sobre épica conjuga três cronologias: a do poeta (perito em compor versos), a do enunciador (aedo e voz do poema) e a dos antigos poemas (modelos). Essa fórmula se torna ainda mais complexa porque o enunciado representado na épica é bifronte: mira a façanha dos heróis e, simultaneamente, aponta em direção ao porvir:

Se todos os momentos históricos são análogos, justamente por implicarem a identidade de Deus, deduz-se que a história pode ensinar maneiras de agir conformadas à vontade da Providência (FELIPE, 2018, p. 49).

Na companhia de historiadores como Tucídides, Políbio, Tácito e Tito Lívio; municiado dos tratados de retórica de Aristóteles, Cícero e Quintiliano e dos manuais de poética de Horácio e Longino; aderente aos filósofos Sêneca, Zenão, Crisopo e Maquiavel e aos poetas vários (de Homero àqueles da chamada era moderna), Cleber Felipe evidencia o método politécnico de que se vale para ler, analisar e interpretar episódios de *Os Lusíadas* (1572) e examinar doze relações de naufrágio compiladas por Bernardo Gomes de Brito (1735-1736).

É justamente por mobilizar essas artes e saberes que o pesquisador estabelece relações precisas, e por vezes imprevistas, entre diversos gêneros e espécies textuais. Como assinala Guilherme do Amaral Luz, na “Apresentação” ao volume, Felipe ampara a discussão em torno de um *corpus* aparentemente modesto, mas logo demonstra que o seu repertório é muito maior, como sugere a forma como decodifica as mensagens embutidas no poema:

divina. A prudência, portanto, é possível na medida em que a ação do protagonista se adequa aos desígnios da Providência” (FELIPE, 2018, p. 245).

Outro ponto central está na discussão sobre o velho do Restelo, que adverte os navegantes sobre a glória e a cobiça, no canto IV de *Os Lusíadas*. Em lugar de reproduzir a hipótese de que o episódio poderia ser lido meramente como ressalva aos feitos dos navegantes, o autor mostra que o discurso da personagem é um eficiente dispositivo retórico: persuade justamente porque engrandece a empreitada e ressalta suas adversidades. Não se trata de omitir “posturas contrárias às que o poeta canta, mas sim” de apresentar uma “refutação dialética dos argumentos contrários à empresa ultramarina, o que confere maior importância à postura que se quer defender” (FELIPE, 2018, p. 171).

Essas breves amostras permitem afirmar que *Heroísmo na singradura dos mares* merece ser considerada uma obra de referência, incontornável não apenas para quem se aventura a discutir escrita da história, mas também composição de epopeias e relações de naufrágio. Cleber Felipe evidencia que o historiador revisita modelos e obedece aos preceitos do estilo, assim como o poeta (que não se confunde com o aedo). O herói, seja aquele figurado nos livros de história, seja aquele representado nos poemas, é tanto mais digno de aplauso quanto mais corrige eventuais vícios com o uso da prudência.

Isso não impede que a coragem seja motivada pela ira; nem implica que a astúcia seja alvo de ressalva (quando irrompe no inimigo) ou adquira aspecto positivo (quando se combina à discrição, coragem e indústria dos heróis portugueses). Ao aproximar poesia e história, Cleber Felipe assinala que, do século IX a. C. ao final do Setecentos, essas artes se respaldavam em expedientes, convenções e artifícios proporcionais, convenientes ao relato dos grandes feitos, em prosa ou verso.

Recebido em 23 de fevereiro de 2022

Aprovado em 24 de outubro de 2022

Licença: 

Jean Pierre Chauvin

Professor Livre-Docente da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, onde pesquisa e leciona Cultura e Literatura Brasileira. Credenciado no programa de pós-graduação em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, na FFLCH (USP).

Contato: tupiano@usp.br

 <http://orcid.org/0000-0001-9514-109X>